

# REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1925

N.º 2

## PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Redactor-director:

Largo do Arouche, 62

Prof. J. Pinto e Silva

## SUMMARIO:

*A Revista Escolar.*

- LIÇÕES PRATICAS:** 1 — Uma aula de leitura. 2 — Arithmetica. 3 — Zoologia. 4 — Systema-metrico. 5 — Geographia. 6 — Educação civica. 7. — Geometria. 8 — Linguagem escrita. 9 — Botanica. 10 — Historia-patria. 11 — Geographia.
- PEDOLOGIA:** 1 — Estudo experimental da criança. 2 — A imaginação e suas variedades na criança. 3 — Evolução psychica da criança.
- LIÇÕES DE COISAS:** 1 — Palmeiras. 2 — A borracha. 3 — Os ólhos. 4 — O cão. 5 — A canna de assucar. 6 — O asseio e o vestuario. 7. — O carneiro. 8 — O milho. 9 — O café. 10 — O feijão. 11 — A banana.
- METHODOLOGIA:** 1 — Processo educativo. 2 — A interrogação na escola primaria.
- LITTERATURA INFANTIL:** 1 — Decisão inesperada. 2 — O éco. 3 — Tentação. 4 — Heroismo dum criado. 5 — A volta das andorinhas. 6 — As rosas de Mimi. 7 — O cavallo. 8 — A bolsa. 9 — O pretencioso. 10 — Marco Polo. 11 — Os bohemios.
- ESCOTISMO:** 1 — O escotismo nas escolas.
- QUESTÕES GERAES:** 1 — Educação moral e civica. 2 — Palestras sobre ensino. 3 — Escolas disciplinares.
- PELAS ESCOLAS:** 1 — Nossos programmas de ensino. 2 — Festas escolares.
- NOTICIAS:** 1 — Grupo-Escolar de S. João. 2 — Cidades mais populosas de S. Paulo. 4 — Novos grupos escolares. 4 — Vultos e factos. 5 — Musica e cantos escolares.
- SECRETARIA DO INTERIOR:** Actos diversos.
- INDICE.**

S. PAULO - Brasil

1925

*Os malévolos meninos, que tinham antes disso fructos deliciosos e abundantes, não viram mais nenhum nas arvores, completamente devastadas.*

*P.* — Que quer dizer — “abundantes”, Pedrinho.

*A.* — Quer dizer: em grande quantidade.

*P.* — E você, Mauro, que significa — “arvores completamente devastadas”?

*A.* — Plantas muito estragadas.

*P.* — E’ o bastante. Agora vou lêr a lição toda, sem parar; sómente no fim quero que um de vocês a leia também e que outro a reproduza por suas proprias palavras. (Lê toda a lição.) Leia você, Renato.

*A.* — (Lê toda a lição.)

*P.* — Reproduza-a, José.

*A.* — (Reproduz a lição lida pelo mestre e pelo collega.)

*P.* — Esta será a lição para amanhã. Não se esqueçam de estudal-a bem, lendo primeiramente, sentença por sentença, procurando a significação dos termos de cada sentença. Depois, leiam-n-a, em voz alta, e finalmente fechem o livro e, em voz alta também, reproduzam o que tiverem compreendido, formando sentenças curtas e claras.

## ARITHMETICA

1 ANNO

(Continuação)

Até ao numero 10 ou 12, deve a professora ir muitissimo devagar, insistindo, repetindo, revendo, applicando exercicios variados. Depois, reconhecerá que valeu a pena esse tempo empregado em fazer conhecer e gravar os factos passo a passo. Dado o caso, por exemplo, que o problema peça uma subtracção, o espirito infantil terá apenas que se occupar com a idéa de que a operação pedida

pelo problema é uma subtracção, e não com o resultado dessa subtracção, pois esse lhe virá espontaneamente.

### LIÇÃO IV

*(Esta lição será a repetição dos factos da 3.ª lição, que vão ser agora reproduzidos no quadro-negro.)*

*Professora.* — Traga-me dois lapis, Antonio.

Ponha um lapis na mão esquerda e um na mão direita.

Na mão esquerda está um lapis; na mão direita está um lapis. Quantos lapis serão, si os reunirmos?

*Alumno.* — Um lapis mais um lapis, são dois lapis.

*P.* — (Tomando outros dois lapis, um em cada uma das mãos, repete, á medida que mostra, em primeiro logar cada lapis, depois os dois reunidos.) E’ isso mesmo: um lapis e mais um lapis, são dois lapis.

Depois, a classe tomará os lapis e cada alumno repetirá, por sua vez, mostrando com o lapis o que está repetindo.

A professora vac, então, ao quadro negro e escreve:  $1+1=2$ .

*P.* — Este (mostrando o primeiro um) é o lapis da mão esquerda, e este (mostrando o segundo um) é o lapis da mão direita; são dois lapis, que estão aqui juntos (apontando para o algarismo dois.)

Virão ao quadro diversos alumnos que, apontando para cada algarismo e signal, repetirão, a principio, a historia, com os lapis mesmo, e depois, a mesma historia, variando o nome dos objectos.

*P.* — Agora, prestem atenção para me contarem como é que eu digo aqui (apontando para o signal mais.) Um lapis mais um lapis, são dois lapis (demorando mais tempo na palavra mais.)

*A.* — A senhora Ieu: mais.

*P.* — E’ isso mesmo. Esses risquinhos, que parecem uma cruz, lêem-se: mais. (Faz a mesma coisa com o signal de igualdade.) Em seguida virão ao quadro os alumnos, para escreverem e lerem: um tinteiro mais um tinteiro, são dois tinteiros, etc.

P. — (Pegando dois livros e dando um delles a um alumno.) Eu tinha *dois* livros e dei *um* ao Antonio, com quantos livros fiquei ?

A. — A senhora ficou com *um livro*.

P. — Muito bem!

Então, poderão todos, um a um, repetir com objectos differentes, ou poderá um alumno, que mostrar difficuldade, repetir a operação.

A professora vae ao quadro negro e escreve:  $2-1=1$ .

P. — Aqui (apontando para o algarismo *dois*) estão os *dois livros* que eu tinha. *Menos* (apontando para o signal) *um livro* que eu dei ao Antonio (aponta o primeiro algarismo *um*) fiquei (aponta o signal de egualdade) com *um livro* (aponta o segundo algarismo *um*.)

Diversos alumnos virão lêr o que ficou escrito, podendo variar os nomes dos objectos.

P. — Agora, eu vou lêr e quero que me contem como é que eu digo *aqui* (apontando para o signal *menos*.) (Lê, demorando um pouco na palavra *menos*.) Diga você, Armando.

A. — A senhora disse: *menos*.

P. — Sim, eu li *menos*, que é, supponhamos, como si eu dissesse: — *dando, perdendo, comendo, tirando*. (Fará exercicios em que os alumnos usem cada uma dessas expressões. Terá cuidado em insistir que os alumnos digam *menos* ou *tirando*, mas nunca; de *dois tira um*, fica *um*.)

Virão ao quadro os alumnos para lerem, á medida que forem escrevendo.

P. — Alberto, faça o favor de dar a cada um de nós *dois tórnos*.

Levantem os tórnos. Quantos tórnos tem cada um de nós?

A. — Cada um de nós tem *dois tórnos*.

P. — Vamos todos collocar os *dois tórnos* sobre a mesa. Vamos vêr o que fizemos, Antonio.

A. — Nós tinhamos dois tórnos, puzemos dois na mesa e ficámos sem torno nenhum.

P. — Muito bem! Agora o giz vae escrever o que você disse. Escreve:  $2-2=0$ .

Este (apontando o primeiro algarismo *dois*) mostra os *dois tórnos* que estavam na mão. Isto aqui, quer dizer que *tiramos* da mão (apontando para o signal *menos*.) Este vem a sêr os *dois tórnos*, que foram para a mesa (apontando para o segundo algarismo *dois*.) Ficámos (apontando para o signal de *egualdade*) *sem tórnos* ou com *nenhum torno* (apontando para o zero.)

Differentes alumnos lerão o que ficou escrito, usando sempre nomes de objectos depois dos algarismos.

Em seguida irão uns escrever no quadro negro e outros lêr o que o collega escreveu.

Depois, a professora ensinará da mesma maneira, e com o mesmo vagar e repetição:  $2-0=2$ .

P. — Alfredo, traga-me da mesa *duas laranjas*.

A. — Prompto, professora.

P. — Bem; dê a Antonio a metade das suas laranjas.

Quantas laranjas você deu ?

A. — Eu dei uma laranja.

P. — E com quantas ficou ?

A. — Eu fiquei com *uma laranja*.

P. — Então, si você deu *uma laranja* e ficou com *uma*, cada um de vocês ficou com a *metade* certa das *duas laranjas*.

Quanto é a *metade* de *duas laranjas* ?

A. — A *metade* de *duas laranjas* é *uma laranja*.

P. — Fará muitos e variados exercicios, mandando sempre o alumno repartir egualmente com um collega, os objectos diversos, para conhecer bem a significação de *metade* ou *meio*.

Irá depois ao quadro negro e escreverá:

$$1/2 \text{ de } 2=1$$

Lerá, em seguida, apontando para o que está escrito e fará os alumnos primeiro lerem o que ella escreveu e depois cada um experimentar escrever e lêr.

(Confórme o desenvolvimento da classe, o assumpto desta lição pôde sêr dado em uma ou mais vezes.)

(*Continúa.*)

A. — Chamam-se *corredoras*.

P. — Sim, ou *aves corredoras*. Também são grandes e fortes. Falámos da utilidade das aves gallinaceas, palmipedes, colombinas e dos passaros. Pois fiquem sabendo que, entre as aves de que estamos falando agora, também ha algumas bem uteis. O *urubú*, já dissemos, é importante protector da saúde publica; as *seriemas* são terriveis inimigas das serpentes que consómem todos os annos muitas vidas, não só de pessoas como de animaes domesticos; o *pica-pau* persegue as formigas, cupins e larvas; o *quero-quero* extermina as formigas; os *tuiuiús* (que são uma especie de cegonha e abundam nas margens dos rios Paraguay e Paraná) encarregam-se de fazer limpeza, isto é de comer incrível quantidade de peixes que as enchentes depositam nas margens desses rios.

Agora, que vocês conhecem bem como as aves são uteis, estou certo de que não ousarão matar inutilmente uma só ave ou destruir-lhes os ninhos.

---

## O SYSTEMA-METRICO

(PARA CLASSES ADEANTADAS)

O professor terá sobre a mesa o globo e o metro. Escreverá no quadro-negro, em grandes caracteres, o titulo da lição: — *Systema-metrico*.

Tanto quanto possível, pois se tratará nessa lição do historico desse Systema, desenhará no referido quadro-negro mais dum globo determinando o equador e os meridianos.

*Professor.* — Quem é capaz de me dizer o que é *systema*?

*Alumno.* — Quando estudámos *geographia*, o Sr. nos disse que o Brasil apresentava tres *systemas* de montanhas, e nos ensinou que *systema* quer dizer reunião, um conjunto...

P. — Muito bem! Você lembrou-se da *geographia*, vendo o globo e estas figuras, não é assim?

A. — E', sim, senhor. Mas, eu não compreendo agora como pôde haver uma reunião metrica.

P. — Pois vae vêr que é muito simples. O menino não sabe que todas as medidas se derivam do metro?

A. — E' verdade: o litro, por exemplo, é a capacidade dum decimetro cubico...

P. — Bravo! Já vejo que entendeu. E vocês outros?

A. — Eu acho que tambem comprehendí, professor.

P. — Você, Octavio? Fale, então, meu amiguinho.

A. — Parece-me que Systema-metrico, quer dizer a reunião de medidas e pesos que têm como origem, como base, o metro.

P. — Perfeitamente bem. Mas, para maior clareza, precisamos conhecer outras coisas. Por isso, começarei por perguntar o que são meridianos. Quem m'o dirá?

A. — Eu, eu, professor.

P. — Pôde falar, Augusto.

A. — Meridianos são circulos que, passando pelos pólos da terra, a dividem em duas partes eguaes.

P. — E como se chamam essas partes?

A. — Hemispherios. Ha dois hemispherios: — o oriental e o occidental.

P. — Optimo! Quero que venham, em turmas, mostrar-me no globo diversos meridianos.

*Alumnos.* — (Indicam diversos meridianos.)

P. — Outra pergunta agora, e é o Julinho quem me vae responder. Sabe você, o que é o equador?

A. — E' uma linha.

P. — Uma linha? Mas, que especie de linha?

A. — E' uma curva, um circulo que divide a terra, passando pelos pólos.

P. — Não; sua resposta não está certa. Os circulos que passam pelos pólos, já vimos que são os meridianos. O equador é este circulo (mostrando) que divide a terra em dois hemispherios, mas um do norte ou septentrional, e outro do sul ou meridional. Comprehendeu?

A. — Comprehendi, sim, senhor. Aqui está o equador. (Mostra.)

P. — Continuemos, e muita attenção! Os sabios, seguindo um meridiano, dividiram a distancia do equador ao pólo em dez milhões de partes eguaes. A uma dessas partes deram o nome de *metron*, que quer dizer — medida.

A. — Essa parte não será o metro, professor?

P. — Justamente. O metro é a decima millionesima parte da distancia do equador ao pólo. Assim foi constituída a unidade de comprimento, isto é, o metro.

P. — Quando foi que isso se deu, professor?

P. — A commissão de sabios, que levou sete annos nesse trabalho, apresentou-o, em França, a 22 de junho de 1799.

Conhecido o metro, delle se derivaram as medidas de capacidade e as de peso.

Ora, como todas essas medidas crescem ou diminuem de dez em dez partes, chamou-se ao seu conjunto — *Systema-metrico-decimal*.

A. — E antes, como se mediam as coisas?

P. — Por meio de medidas e pesos mui diversos, taes como a braça, o palmo, o pé, a arroba, a libra, etc., etc.

A. — E aqui no Brasil, adoptaram logo o Systema-metrico?

P. — Sim; nosso paiz, pela lei de 26 de junho de 1862, adoptou o Systema-metrico.

A. — E os outros paizes?

P. — Quasi todos os paizes civilizados adoptam o Systema-metrico.

A. — Então, ha nações que não o adoptaram?

P. — Ha, como a Inglaterra, a Russia, os Estados Unidos, onde o uso não é official nem obrigatorio, mas é permitido.

A. — Porque faltaria uma autoridade para nos dar ordens.

P. — Bravo! E quem manda aqui na classe?

A. — E' o senhor.

P. — E no grupo todo?

A. — O director.

P. — E si eu entrasse nas outras classes e fosse dando ordens, seria bonito?

A. — Não, senhor; cada classe tem seu professor, e o professor duma classe não dá ordens nas outras classes.

P. — Muito bem! O mesmo que se dá no grupo, acontece com a nossa cara patria.

A. — Ha, então, um director e professores para tomarem conta da patria?

P. — Isso, não, mas ha o presidente da Republica e os presidentes dos Estados.

A. — Como pôde o presidente mandar num paiz tão grande?

P. — Auxiliado pelos presidentes dos Estados.

A. — E cada presidente de Estado obedece ao presidente da Republica?

P. — Quando se trata dum interesse commum, obedece; sinão o presidente é livre em cada Estado de fazer tudo quanto puder, para melhorar e engrandecer o proprio Estado. Sabe você, o nome do presidente da Republica?

A. — O actual presidente da Republica é o Dr. Arthur Bernardes.

P. — Pois bem, meus alumnos, não se esqueçam que a elle devemos o maximo respeito, porque, respeitando-o, respeitamos o *governo* da Republica, por elle representado.

## GEOMETRIA

### LINHAS

Um carretel de linha, uma regua, um barbante, um metro dobradiço, um nivel, um fio de prumo, algum giz de côres, eis o material necessario.

a meu vêr, para a professora dar uma boa lição sobre linhas e suas especies a uma classe atrazada.

Nada é tão necessario numa classe, como obter a attenção das alumnas.

Como a criança tem a imperiosa necessidade de falar e falar sempre, a professora terá o cuidado de lhe dar toda a liberdade de interrogar. E' indiscutivel que para manter a ordem, a professora ha de fazer comprender ás suas alumnas que a menina educada, polida, não fala ao mesmo tempo que a collega, e nem tão pouco a interrompe.

*Professora.* — Que vêem vocês na minha mão?

*Alumna.* — Um carretel de linha.

P. — Pois é justamente da linha que vamos falar.

A. — Da que serve para bordar, costurar?

P. — Não; duma outra linha. Pois qualquer traço, a beira da mesa, da carteira, o encontro da parede com outra, da parede com o forro, etc., formam *linhas*.

A. — O lado da regua é linha?

P. — E'. Vamos vêr quem mais me dá exemplo de linhas.

A. — A linha do bonde.

A. — As gretas do soalho.

A. — As folhas da janella.

P. — Bem; essas linhas todas chamam-se *rectas*. Alice, trace, com o auxilio da regua, uma *linha recta* no quadro negro. Olga e Irma, tomem o barbante que está em cima da mesa, mas sem estical-o.

A. — Formou-se um arco.

P. — A esse arco dá-se o nome de *linha curva*. Quem é capaz de me dar um nome de objecto que tenha linhas curvas?

A. — O relógio.

A. — O tinteiro.

A. — O chapéo.

P. — Martha, venha traçar no quadro negro, uma linha curva. Amalia, levante o metro dobradiço.

A. — Tenho medo, elle parece quebrado.

P. — Pois ha uma *linha quebrada* tambem; fórma-se de pedacinhos de rectas.

E á reunião de rectas e curvas, como se chamará?

A. — Uma mistura?

P. — Pouco falta para sêr o nome exacto. Chama-se *linha mista*.

A. — Mas, eu estou vendo um peso perto da mesa. Será ainda outra especie de linha?

P. — Ah! minha curiosa! Venha erguel-o. Como fica a linha do peso?

A. — Bem de pé. A linha recta nessa posição tem algum nome especial?

P. — Tem, sim. Chama-se *vertical*... Que está você dizendo, Leonor?

A. — Que ainda ha em cima de sua mesa uma coisa que não vemos bem.

P. — Não gosto que se distraiam; diga-me agora, como se chamam as linhas que têm a posição do fio de prumo, que acabámos de vêr?

A. — Não sei, não, senhora.

P. — Pois vou repetir: *linhas verticaes*. Veja lá o que aconteceu com a sua falta de attenção! Venha vêr agora o que queria.

A. — Para que serve essa bolhazinha no meio dessa agua?

P. — Quando a bolhazinha está bem debaixo deste metalzinho, indica que a mesa está em posição *horizontal*.

A. — E' uma linha deitada, não?

P. — E', sim. Falta-nos apenas uma linha entre a horizontal e a vertical. Que faz você, Dulce, quando cumprimenta as pessoas?

A. — Inclino um pouco a cabeça.

A. — A linha se chamará — *inclinada*?

P. — Optimo! E' isso mesmo. Agora, temos concluido.

Repitam os nomes das linhas, apontem na pedra as diversas especies e digam como ellas são.

A. — *Recta*: uma linha bem direita.

A. — *Curva*: uma linha arqueada.

A. — *Quebrada*: uma linha composta de linhas rectas.

A. — *Mista*: uma linha composta de rectas e curvas.

A. — *Vertical*: uma linha como a do fio de prumo.

A. — *Horizontal*: uma linha deitada.

A. — *Inclinada*: uma linha pensa para um lado.

P. — Na proxima lição havemos de fazer uma série de exercicios sobre as linhas estudadas.

## LINGUAGEM ESCRITA

### O LIVRO

Que difficuldade encontra o professor em obter trabalhos ainda que mediocres de seus alumnos! Que carinhãs desconsoladas, quando lêem no quadro-negro o titulo duma composição!

Como remediar a este aborrecimento? Si, quando se trata dum recreio, toda criança se expande, tagarêlla, acha phrases e phrases sobre o mesmo assumpto — não seria acertado fazel-a falar e falar bastante sobre o titulo da composição?

Si não fôr possível escrever nesse dia, *sem avisal-os*, deixar-se-á a composição para sêr redigida na proxima lição.

Sem avisal-os, porque achariam facil trazer de casa certos auxilios — *as cõllas*.

Pretendo que todo professor deve sêr, em extremo, severo para a *cõlla* e os *colladores*. A criança, o alumno que cõlla, apresenta um trabalho que não é seu; a nota não é sua tambem. E' uma especie de *mentira*, a que fica habituado. Um professor zeloso fará comprehender aos seus alumnos, qualquer

*manuscrita.* Não esqueçamos seu privilegio de serem, com as sensações auditivas — as unicas *estheticas*, isto é, as unicas que nos permitem gozar as differentes artes: poesia, musica, pintura, esculptura e architectura.

(*Continúa.*)

## EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

### I

A psychologia da criança constitúe, sem duvida alguma, um estudo muito mais arduo do que a do homem feito. Este nos dá como ensinamento as informações da consciencia, e é realmente num estudo sério dos phenomenos de auto-observação que outr'ora ella se apoiava. A experimentação nas sciencias psychologicas dotou-as de novos methodos de pesquisas que lhes renovaram e aprofundaram muitos capitulos, deixando, entretanto, ao methodo introspectivo de outr'ora um papel de grande importancia. Essa psychologia experimental foi applicada ás crianças, embóra nellas faltem completamente os documentos inherentes á consciencia.

Com effeito, ou a consciencia lhes falta por completo, ou pelo menos os vestigios que ella deixa nos são tão falhos, que não podemos nos lembrar de nossas proprias sensações sinão numa idade já avançada.

Essa psychologia é uma sciencia, antes de tudo, de observação e de deducções a obter-se de phenomenos obscuros, quer tenham séde no sujeito observado, quer no proprio observador. Além disso, esses phenomenos têm um caracter tão fugaz, uma tão grande falta de clareza, que torna a interpretação difficilissima.

Entretanto, a experiencia, por limitado que aqui seja seu campo de acção, nos auxilia a esclarecer certos pontos deste estudo obscuro, e as obras de paciencia como as de Preyer (ci-

tando apenas um nome) estudando seu filho durante tres annos, e isto numa hora fixa, tres vezes por dia, trouxeram a essa difficuldade uma contribuição de importancia consideravel.

Mas, no que diz respeito a esse lado obscuro que torna tão difficil o estudo da psychologia infantil, esta offerece comtudo um grande interesse — o que se liga ao estudo da evolução duma intelligencia.

A criança nasce, sem contradicção alguma, desherdada, na mais completa nudez, sob o ponto de vista psychico, comparativamente com todos os animaes conhecidos, e, entretanto, deve attingir a um nivel intellectual muito superior a todos elles.

Ha, pois, e num lapso de tempo muito curto, um total formidavel de acquisições a realizar.

E' justamente nesta differença entre o automatismo inconsciente de seu apparecimento e o raciocinio superior de seu desenvolvimento perfeito, que reside o enorme interesse que sempre levou o homem a analysar o modo pelo qual sôbe seu espirito pouco a pouco os degraus desta escada psychica de cujo apice domina de tão alto a psychologia dos outros habitantes do nosso planeta.

Neste estudo da criança, duas grandes divisões pôdem ser consideradas, pois a educação e a instrucção introduzem na vida psychica da criança um elemento novo, exógeno, e que della faz um sêr menos natural que antes de sua introduccão nesta vida nova. Os primeiros annos, pelo contrario, são quasi exclusivamente constituídos do ponto de vista intellectual, pelas acquisições pessoaes e endógenas proprias ao individuo. Dahi dois periodos na evolução dessa intelligencia, mas não comparaveis entre si. Nesta obra apenas nos occuparemos do primeiro, que vae do nascimento a uma idade incerta, porque é eminentemente variavel conforme os individuos, mas que se pôde, entretanto, arbitrariamente fixar entre o terceiro e o quinto anno.



## II

## O NASCIMENTO

Alguns autores esboçaram uma psychologia intra-uterina da criança; experimentaram, por outras palavras, analysar as apparentes sensações que sentiria esse pequenino sêr antes do nascimento e, portanto, no proprio seio da mãe.

Não é preciso fazer sobresahir toda a futilidade de semelhante estudo. Si experimentamos, como acima dissemos, difficuldades consideraveis ao estudar psychicamente a criança em seus primeiros annos, numa idade em que podemos tel-a constantemente sob nossos olhos e da qual podemos ter a oportunidade de seguir as menores manifestações, como poderíamos abordar o mesmo estudo no que diz respeito ao fêto, completamente occulto aos nossos olhos e além disso subtra-hido a todas as excitações exteriores que o poderiam fazer reagir?...

Este fêto apenas determina sua presença por signaes pouco numerosos e difficilmente perceptíveis. E seria apenas por meio destes signaes ou suas modificações que poderíamos nos basear. Realmente, de todos os estudos feitos sobre este assumpto especial, apenas fica uma coisa mais ou menos certa: é que o fêto reage em presença das sensações de frio ou de calor; basta, como prova, collocar a mão bem fria ou bem quente sobre o ventre materno, para obter movimentos fetaes.

Ainda restaria saber si é mesmo a sensação calorifica que age sobre a criança ou uma acção simplesmente de contacto, porque parece bastante extraordinario que uma differença de temperatura possa atravessar as paredes do abdomen e as da madre e conservar ainda bastante força para influir sobre o pequenino sêr no meio do liquido no qual está immerso; doutro lado, póde sêr tambem que esta impressão thermica provoque apenas contracções do musculo uterino, as quaes, chegando ao fêto dão causa a esses movimentos.

A psychologia intra-uterina não existe, pois, ou apenas se reduz a noções muito vagas.

(Continúa.)